

A PSICOLOGIA EM SALA DE AULA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO ESCOLAR

Alicia Vitória Pereira¹;

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>

Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira².

Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>

RESUMO: O presente estudo propõe e analisa um relato de intervenções pedagógicas em educação sexual implementadas com estudantes do ensino médio de uma escola pública em Mossoró no contexto do Estágio Supervisionado em Ensino de Psicologia. Estes encontros envolveram uma observação qualitativa, de natureza aplicada e possui objetivos descritivo-exploratórios, unindo a observação de campo com a implementação de aulas previamente planejadas. A proposta utilizou uma abordagem qualitativa e um raciocínio aplicado, descritivo-exploratório para integrar a observação de campo e as aulas planejadas. Os resultados indicam que a educação sexual é melhor tratada quando vista como uma formação abrangente que engloba os componentes socioculturais, ético-relacionais e informativos. Através de intervenções participativas, conseguimos gerar um fórum de conversa e escuta em torno de tabus, respeito, limites, consentimento, cuidado e autoproteção, ligando esses temas ao conteúdo de saúde sexual, como prevenção de ISTs e gravidez na adolescência. Argumenta-se que, com escuta ativa e abordagens dialógicas, a Psicologia impulsiona a autonomia e a responsabilidade na escola, apesar das dificuldades no planejamento e continuidade em um contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual. Psicologia. Ensino Médio.

PSYCHOLOGY IN THE CLASSROOM: REPORTS AND EXPERIENCES FROM A SCHOOL-BASED INTERVENTION

ABSTRACT: This study presents and analyzes an experience report of pedagogical interventions in sex education carried out with high school students at a public school in Mossoró, within the context of the Supervised Teaching Internship in the Psychology Licensure program. Using a qualitative approach, applied nature, and descriptive-exploratory objectives, the experience combined field observation with the implementation of previously planned lessons. Using a qualitative approach, applied nature, and descriptive-exploratory objectives, the proposal brought together field observation and the delivery of planned lessons. The results showed that sex education is more effective when understood as comprehensive

education, bringing together sociocultural, ethical-relational, and informational dimensions. Through participatory strategies, it was possible to create a space for dialogue and listening to discuss taboos, respect, boundaries, consent, care, and self-protection, articulating these themes with sexual health content such as STI prevention and adolescent pregnancy. It is concluded that Psychology, with qualified listening and dialogical methodologies, strengthens autonomy and responsibility at school, despite institutional challenges that affect planning and continuity.

KEYWORDS: Sex Education. Psychology. High School.

INTRODUÇÃO

A sexualidade pode ser entendida como um conceito amplo e com múltiplas dimensões dentro da natureza humana, faz parte do percurso do desenvolvimento e é parte fundamental da trajetória de vida, influenciando, inclusive, na nossa saúde. Nesse sentido, ela não se restringe as práticas sexuais, pois envolve desde a manifestação do desejo até modos de expressão em relacionamentos, integrando afetos, comunicação e criação de vínculos. Além disso, a sua expressão pode ser influenciada por fatores culturais, sociais, familiares, religiosos e morais, o que evidencia seu caráter histórico e socialmente produzido (Louro, 2008; França, 2013).

Na esfera educacional, discutir sobre sexualidade e educação sexual nas escolas é uma tarefa necessária, porém que as vezes atravessa desafios, a abordagem do tema exige um certo cuidado pois pode ser atravessada por tabus e silenciamentos. Ainda assim, a educação sexual pode ser desenvolvida por diferentes estratégias pedagógicas, contribuindo, principalmente no manejo com adolescentes, para debate de tópicos como libido, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e etc, voltando-se para um viés de ensinar e esclarecer questões relacionadas ao sexo e de uma maneira acessível e livre de preconceitos e tabus.

A psicologia atrela-se a esse contexto no sentido de disseminar informações, associadas ao âmbito da sala de aula, através, por exemplo, das práticas do estágio obrigatório de ensino. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Artigo Primeiro, afirma que a educação abrange todos os processos formativos que permeiam as esferas e associadas ao desenvolvimento dos mesmos, sejam eles encontrados em instâncias familiares ou nos demais ramos da sociedade civil (Brasil, 1996).

Nesse sentido, a educação sexual na escola não se propõe a substituir a família, mas a complementar processos formativos, articulando informação, cuidado e diálogo com o desenvolvimento dos adolescentes. Essa compreensão aparece, inclusive, em documentos orientadores da educação brasileira, que reconhecem a importância de tratar a temática no âmbito pedagógico (Brasil, 1998).

Diante disso, este trabalho busca descrever um relato de experiência vinculado às práticas de estágio supervisionado em licenciatura, realizado com estudantes do

primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, focando na construção e execução de intervenções pedagógicas em educação sexual e discutindo suas implicações para o contexto escolar e para a atuação do psicólogo em sala de aula.

OBJETIVO

Relatar e analisar a experiência de desenvolvimento e condução de intervenções pedagógicas em educação sexual com estudantes do 1º ano do ensino médio em uma escola pública, no âmbito do Estágio Supervisionado em Licenciatura em Psicologia, discutindo contribuições, desafios e possibilidades da atuação da Psicologia no contexto escolar.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho deriva de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos descritivos e exploratórios, adotando como procedimento um relato de experiência somado a uma pesquisa de campo (que se caracteriza pela observação e intervenção pedagógica em contexto escolar). Trata-se de uma sistematização das vivências realizadas dentro dos componentes curriculares de Estágio Supervisionado em Práticas de Ensino em Psicologia I e II, que organizaram, respectivamente, um momento de observação inicial do campo e um momento de execução das aulas planejadas a partir das demandas observadas em sala de aula. O campo foi uma escola X, localizada no município de Mossoró, que possui regime integral de aulas, com estudantes, predominantemente na faixa etária entre 14 e 16 anos.

As atividades ocorreram em dois momentos: primeiro semestre de 2022, com realização de cinco encontros presenciais destinados à observação do ambiente, das aulas, da escola e dos estudantes, que resultou na elaboração de cinco planos de aula; já o segundo momento, ocorreu no segundo semestre de 2022, com a execução de cinco aulas baseadas nos planos elaborados anteriormente, previamente acordados e alinhados com a coordenação pedagógica da escola.

No estágio I, foi utilizado, como técnica e instrumento principal, a observação em sala de aula e em espaços de circulação da escola, como corredores e o momento do intervalo, com um registro sistemático em diários de campo manuscritos como instrumento de coleta de dados. Tais observações ocorreram no turno da tarde, no período de aula, entre 14h10m e 17h00m. Já no estágio II, a execução das aulas incorporou diversas estratégias participativas.

No que tange aos procedimentos de análises, ela foi conduzida por uma sistematização qualitativa dos registros dos diários de campo e das impressões produzidas durante o planejamento e a execução das aulas, organizando o material em eixos temáticos (por exemplo: demandas percebidas na observação; temas priorizados nos planos; respostas/participação discente; dificuldades e potencialidades da abordagem em sala), de modo a articular teoria e prática na interpretação da experiência.

Por se tratar de um relato de experiência em contexto educacional com observação de estudantes, este estudo preserva a identidade da instituição e dos discentes, apresentando resultados de forma agregada e descritiva, sem exposição de informações identificáveis, não havendo, durante a realização dos estágios, nenhum meio de coleta de dados individual (como questionários, fichas cadastrais e etc). Assim sendo, toma-se o anonimato dos envolvidos e a ausência de registro fotográficos, focando na reflexão pedagógica e institucional sobre a experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises feitas, apresentamos e discutimos os achados tidos ao longo da experiência de ensino, articulando o momento das observações com o momento das intervenções. Os resultados foram organizados por eixos para melhor sintetizar a experiência, focando nos aspectos que se mostraram mais significativos na prática, permitindo compreender desafios e potencialidades da educação sexual no cotidiano escolar.

Demandas do campo e “lugar” da psicologia na escola

No período de observação, a inserção inicial na escola mostrou que parte da equipe pedagógica não tinha certeza sobre o intuito da psicologia na escola, tanto no campo da psicologia escolar quanto na licenciatura, o que exigiu um momento inicial de explicitação sobre o papel do psicólogo e da atuação da psicologia na sala de aula. Discutimos acerca da atuação ampla da psicologia para além do patológico, assim como traz Brasil (1964), podendo contribuir para o desenvolvimento educacional e para a formação de sujeitos que sejam comprometidos e críticos (Caparrotti, 2005).

Ainda nesse primeiro momento, através das observações de rotina, da escuta ativa das sugestões dos próprios alunos, das dinâmicas percebidas e narrativas ouvidas em sala de aula/corredores, conseguimos identificar, primordialmente, dinâmicas voltadas à sexualidade e às relações dos adolescentes entre eles mesmos e os docentes, o que fundamentou a proposta de trabalhar a educação sexual no semestre seguinte, sendo essa proposta apresentada e validada em reunião com a coordenação pedagógica da escola. Também emergiu, como pano de fundo do cotidiano escolar, a percepção de que a intensa carga horária e o volume das atividades estavam associados ao estresse dos alunos e, em alguns, relatos de ansiedade e discussões entre eles.

Metodologias participativas como dispositivos de abertura ao tema

Levando em consideração que a educação sexual era um tema, até aquele momento, não trabalhado na escola, e compreendendo a faixa etária da turma, foram utilizadas algumas metodologias participativas para auxiliar na compreensão e no engajamento dos adolescentes.

Na primeira aula, realizada no auditório da escola, dispomos os estudantes em círculos

e utilizamos, como ferramenta central, a plataforma digital “Mentimeter” para construir um mapa mental a partir da pergunta “O que você entende sobre Educação Sexual?”, a partir do qual era selecionado palavras ou termos ali descritos para iniciar rodadas de discussão. Após esse momento, foi disponibilizada uma caixinha para que os alunos deixassem os seus feedbacks de forma anônima e também possíveis dúvidas. Ao final, foi dada uma “tarefa de casa”: trazer casais fictícios (filmes, livros, novelas, séries, etc) que serviam como referência de relacionamento e relações para eles.

Quando avaliamos essa dinâmica, percebemos uma certa curiosidade e um engajamento dos alunos, quando comparado com outras aulas as quais observamos, o que acreditamos ser fruto da utilização de metodologias ativas, o que incentiva o protagonismo dos alunos. Com isso, constatamos que temas que podem ser encarados como delicados, como é o caso da educação sexual, tendem a ter sua abertura favorecida quando o formato escolhido rompe a lógica da transmissão unilateral do conhecimento e cria condições favoráveis para a fala, a escuta e a negociação de sentidos, principalmente estando em grupo (Moran, 2015).

Consentimento, respeito e limites: horizontalidade e escolha da participação

A segunda aula se manteve no auditório. Tomando como partida a tarefa de casa referida anteriormente, a organização se manteve em círculo e teve como foco temas como “consentimento e respeito no contexto relacional” e “formas de se relacionar”. A proposta dessa aula incluiu uma adaptação de um círculo restaurativo, oriundo do contexto das práticas restaurativas, oriunda da justiça restaurativa, que tem como referência uma mudança de “lente” punitivista para restaurativa e a ideia de círculo como espaço de horizontalidade, diálogo e compromisso coletivo (Zehr, 2008).

Nesse encontro, o compartilhamento de casais fictícios funcionou como dispositivo disparador para refletir e dialogar sobre os modelos de relacionamento, seguido da dinâmica intitulada “dinâmica dos limites” que buscava tratar sobre “o que permito/ não permito em uma relação”, o que resultou em um amplo diálogo sobre respeito e consentimento. Um ponto relevante para a discussão, especialmente no que tange à educação sexual, foi a preservação do direito de participar ou não das dinâmicas, aqui destacamos a opção de muitos alunos em permanecer apenas observando as movimentações, contudo respeitando o momento e as falas dos colegas que optaram por participar. Encaramos esse aspecto como um valor ético-pedagógico central para temas sensíveis, por demandar cuidado com limites e a exposição subjetiva, assim a reflexão sobre “o que se aceita em uma relação” foi conectada ao debate sobre as relações amorosas na adolescência, bem como o possível início da vida sexual naquela faixa etária (Silva, 2002).

Autoproteção e responsabilidade: confiança como metáfora pedagógica

A temática central da terceira aula foi “responsabilidade e autoproteção dentro dos relacionamentos”. Abrimos esta aula, dentro da própria sala de aula, com uma meditação

guiada e, em seguida, partimos para uma dinâmica intitulada “dinâmica da confiança”, onde esta funcionou da seguinte maneira: após a formação de um círculo, cada estudante procurava em seus materiais algum objeto que representasse para ti um grande valor afetivo, dentre todos aqueles disponíveis em seus pertences, para o centro do círculo, em seguida cada aluno pegava um objeto do círculo que não fosse o seu e circulava pela escola durante alguns minutos, posteriormente retornando à sala de aula. Ao conduzirmos o momento posterior de discussões e compartilhamento de sentimentos, articulamos a metáfora de “entregar algo importante ao outro” para discutirmos sobre limites, confiança e proteção nas relações e, nos relatos dos próprios alunos, os mesmos relataram associar a vivência as noções de responsabilidade e cuidado consigo e com o outro, favorecendo a elaboração de sentidos sobre autocuidado e respeito para a temática da educação sexual, reduzindo possíveis constrangimentos comuns que aparecem quando o tema é tratado apenas pela explicação direta.

Os limites das Intercorências Institucionais

A quarta aula planejada foi inviabilizada devido a questões dentro da própria grade/disciplina pendentes, exigindo adaptações momentâneas: no lugar do planejamento feito, acompanhamos outros docentes em uma atividade escolar de um evento da escola vinculado a uma determinada disciplina, presente em todas as turmas, envolvendo ensaios artísticos e teatrais. Aqui ressaltamos que intervenções em ambientes escolares dependem de condições institucionais e podem ser atravessadas por imprevistos e/ou eventos do calendário escolar, exigindo uma certa flexibilidade metodológica sem perder o foco pedagógico. Apesar de, momentaneamente, ter gerado uma certa frustração e ter obrigado um replanejamento, o momento em si evidenciou grandes potencialidades artísticas dos estudantes e também tensões relacionais no cotidiano escolar (incluindo um conflito ocorrido no momento entre alunos, associado ao estresse proveniente da carga horária exigida pela escola).

ISTs, prevenção e articulação com a psicologia

Na última aula optamos por uma metodologia mais tradicional, executando o que havíamos planejado para a quarta aula. Seguindo o modelo tradicional de aulas, o conteúdo trazido abordou as ISTs, os métodos contraceptivos e a prevenção de gravidez na adolescência, iniciando por mapa mental no quadro a partir da sigla “ISTs”. Posteriormente avançamos para uma dinâmica de quiz com fichas/post-its obtendo informações para identificação das infecções estudadas. Como se tratava do último momento com a turma, um fechamento importante se deu com o questionamento “como a Psicologia se relaciona com o que estava escrito”, ao que os estudantes responderam associando tanto a clínica/saúde quanto a presença do psicólogo na sala de aula, reconhecendo a atuação em curso naquele momento.

A Síntese

Assim sendo, como síntese geral, percebe-se que a educação sexual foi favorecida por um encadeamento didático que combinou participação, diálogo e conteúdos para além da saúde biológica. A sequência didática das aulas ajudou a entender a educação sexual como uma formação integral de construção do ser, começando pela construção de significados e avançando para competências ético-relacionais. A partir do conhecimento inicial dos alunos e do grupo todo nomeando os conceitos e dúvidas, a intervenção permitiu que os alunos apreciassem que a sexualidade é um aspecto da cultura, valores e relacionamentos, e não um ponto neutro. Assim, o início parece apropriado ao abordar a própria linguagem e os significados compartilhados - com um movimento para o nível de elaboração crítica a partir de um conteúdo de conteúdo pronto (Louro, 2008; França, 2013). Na mesma lógica, o trabalho sobre consentimento, respeito e limites forma um eixo ético que estrutura a prática sexual e afetiva responsável, uma vez que se entende que a educação sexual, se pretende proporcionar autonomia, cuidado e prevenção da violência, deve desenvolver a capacidade de reconhecer os próprios limites e os dos outros, negociar os próprios desejos e os dos outros, e assumir responsabilidade nos encontros sociais. Essas dimensões são aprimoradas quando a turma desenvolve a escuta e o diálogo (Zehr, 2008; Piedade e Silva, 2015) e quando conceitua a educação sexual como um processo formativo mais amplo, envolvendo dimensões subjetivas e também emancipatórias (Figueiró, 2010).

Além disso, ao mobilizar vivências sobre confiança e responsabilidade, ficou evidenciado que a educação sexual envolve autoproteção e corresponsabilidade nos vínculos, ou seja, não basta somente “saber” sobre o risco, mas é necessário aprender a identificar situações, avaliar confiança, sustentar escolhas e buscar apoio, aspectos que, segundo Moura (2011), são coerentes com uma atuação da psicologia orientada pela escuta sem julgamento e pela abertura ao diálogo sobre temas sensíveis. Por fim, apesar da necessária readequação não prevista no planejamento de aula inicial, encerrar com ISTs e métodos preventivos ganha sentido pedagógico porque recoloca a prevenção dentro de uma compreensão mais ampla: informação sobre saúde sexual é indispensável, mas tende a ser mais efetiva quando associada a valores e competências relacionais (respeito, limites, decisão, cuidado), e quando a escola assume, de modo complementar à família, um papel educativo consistente no tema (Brasil, 1998; Egypto, 2003; Silva e Neto, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, com este trabalho, analisar uma experiência de intervenções pedagógicas em educação sexual realizadas com estudantes do ensino médio, no contexto do Estágio Supervisionado em Licenciatura em Psicologia. Os resultados indicam que a educação sexual foi muito mais robusta em um sentido específico de forma quando foi enquadrada na maneira como o significado é construído, a comunicação e a informação de saúde são produzidas, e menos como uma pura transmissão de informação biológica. Partindo do repertório próprio dos alunos para participar, enquanto se estabelecem condições reais

de participação, as intervenções promoveram o questionamento das crenças e tabus que permeiam a sexualidade, reconhecendo sua natureza social e culturalmente produzida. Para esse fim, construir o espaço para poder ouvir e respeitar foi crucial para que os temas sensíveis fossem abordados de maneira educativa e reiterou a necessidade de metodologias que facilitem não apenas o diálogo e a responsabilidade, mas a convivência ética. Os resultados presentes também servem para destacar que a educação sexual entendida na escola deve necessariamente incluir dimensões éticas (consentimento, limites, cuidado e autoproteção) e informativas (prevenção de ISTs e gravidez na adolescência). Essa articulação contribui para uma abordagem alinhada com aqueles que têm uma visão emancipatória da educação sexual como fomentadora de autonomia, pensamento crítico e bem-estar, bem como uma que compartilha a crença de que as escolas podem desempenhar uma função complementar à educação, de acordo com as diretrizes educacionais nacionais.

Nesse sentido, o papel da Psicologia no contexto escolar é relevante não apenas pelo conteúdo que aborda, mas também pelo seu modo operacional de atuação: práticas de escuta e abertura para questionamentos, evitando qualquer moralização negativa, tendem a aumentar o entusiasmo dos alunos e a qualidade da discussão sobre sexualidade. Do ponto de vista formativo e institucional, o episódio trouxe à tona dificuldades do próprio cotidiano escolar, com sobreposições de calendário e mudanças de configuração frequentemente prejudicando a organização das atividades. Isso é mais uma prova de que são necessários melhores acordos com a gestão/coordenação e, ao mesmo tempo, flexibilidade didática sem perder de vista a intencionalidade pedagógica.

Embora apenas em contextos limitados, a intervenção possibilitou sistematizar achados significativos sobre a Psicologia como disciplina de ensino nas escolas, ampliando assim a compreensão da comunidade estudantil sobre a psicologia como componente do ambiente educacional em relação à inserção de psicólogos no contexto educacional. Por último, mas não menos importante, como sua principal contribuição, esta análise ilustra que a educação sexual, oferecida por meio de abordagens participativas e sustentada por princípios éticos (por exemplo, respeito, consentimento e cuidado), permite a aprendizagem de conteúdos de saúde, mas também promove pessoas mais autônomas e críticas nas relações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto de número 53.464 de 21 de janeiro de 1964**. Regulamenta a Lei. n. 4.119 de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão de psicólogo. Brasília, DF, 21 de jan de 1964.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

- CAPARROTTI, N. B. Práticas em psicologia escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 147-148, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572005000100014>.
- EGYPTO, A. C. (Org). **Orientação Sexual na Escola – Um projeto apaixonante**. São Paulo, Cortez, 2003.
- FRANCA, D. N. O. Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. **Rev. bras. educ. espec.** 19(4), Dez, 2013.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3.ed. Londrina: Eduel, 2010.
- LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Proposições, Campinas, 19(2), Ago. 2008.
- MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção mídias contemporâneas. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.
- PIEIDADE, F. O.; SILVA, Q. da S. Revisitando os círculos restaurativos: da teoria à prática. In: XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. 7, 2015, Rio de Janeiro. **VIII Mostra de trabalhos jurídicos científicos**. [S.N.], 2015. p, 1-18.
- SILVA, R. C. P. da; NETO, J. M. Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, São Paulo, v.12, n.2, p. 185-197, 2006.
- SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 22, n. 57, p. 23-43, ago. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622002000200003>.
- ZHER, Howard. **Trocando as Lentes**: Um novo foco sobre o crime e a justiça. 1ª ed. São Paulo: Palas Athenas. 2008.